

Prefácio

Satoshi Nakamoto.

Sentámo-nos para o usual almoço de sexta. A esplanada era coberta, mas mesmo assim podia sentir-se o calor. Pedimos duas imperiais, mas desta vez a conversa começou diferente.

“Então explica-me lá melhor esta questão da moeda criptográfica?”

Desde crianças que somos seduzidos com mistérios. Os mistérios são algo que nos provoca uma incrível curiosidade. Para lermos, a curiosidade tem que ser suficiente para procurarmos superar o desafio que é a leitura (um ato que exige alguma paciência). De repente o que parece desafiante e monótono, torna-se sôfrego e estamos ansiosos por virar mais uma página e descobrir o que nos estão a esconder. Diria que é assim o caminho de uma criança com o seu primeiro livro.

Desde pequeno que o meu apelo por mistérios era o que mais alimentava a leitura. Podia ser qualquer tipo de mistério, mas de preferência os menos populares. De preferência os mais exóticos e os que me transportavam para um imaginário de civilizações perdidas no tempo e no espaço. A verdade sobre as pirâmides do egipto, as caveiras de cristal da América do Sul, as civilizações maias, astecas, incas. E depois disto, as invenções de Einstein, as viagens no tempo, as invenções de Tesla e tudo o que pudesse ajudar-me a explorar mais, os caminhos menos explorados pelas maiorias.

O bizarro, o não ortodoxo. E se muitos se perdiam a tentar saber o fio condutor principal de uma história, a minha atração foi sempre pela compreensão do todo. O que estava ao lado era muito importante para mim. O mais frequente era fascinar-me

pelas personagens secundárias dos filmes, e não pelas principais. Nunca fui fã do óbvio. Sempre achei redutor e unidimensional. Atrai-me a complexidade. E muitas vezes as personagens secundárias trazem mais complexidade do que os heróis principais. Isto interessa-me!

Foi certamente isto que me ajudou a ter a capacidade e a resiliência para estudar algo como a Bitcoin. Hoje muita gente aproxima-se por ver aqui uma vantagem. Mas na altura ninguém falava nela, era apenas um projeto “geek” e ninguém a sabia compreender. Nem queria. A frase cliché e que fazia as pessoas parecerem inteligentes, era a frase que todos diziam. E na realidade praticamente ninguém a compreendia o suficiente para a poder explicar. A vertente económica, a vertente tecnológica e a vertente política tiraram (e ainda tiram) a maioria das pessoas desta capacidade de trazer clareza para uma coisa tão complexa e profunda.

Bitcoin é investimento, é tecnologia, é economia, é moeda. Mas é também filosofia, sociologia, ideologia... é humanidade.

E se todas estas áreas nos dão um enorme caminho de investigação para sermos verdadeiramente proficientes nesta disciplina (que é muito mais do que uma questão monetária), a verdade é que também há mistério na bitcoin.

O facto de o criador da Bitcoin, Satoshi Nakamoto, ser uma figura misteriosa também atrai. Também gera especulação. Também nos fascina como um *thriller* de detetives, cheio de lugares comuns que são muitas vezes manipulados ou acrescentados para parecerem ainda mais fascinantes. Neste caso, é tão incrível que não precisamos de inventar grande coisa. E a verdade é que a descoberta de quem é (ou foi) Satoshi Nakamoto continua a acicatar a nossa curiosidade.

O mais genial em todo este mistério de “quem é Satoshi?”, é quando percebemos que isto foi planeado desde muito cedo. Não é um acaso, não foi uma decisão tardia ou uma saída improvisada. Não é um acaso. É verdadeiramente parte do próprio sistema de bitcoin. E encaixa de tal modo bem com toda esta arquitetura... que é difícil acreditar que algum humano tenha uma capacidade tão grande de criar um *puzzle* tão perfeito de acontecimentos e características. O desaparecimento de Satoshi foi consciente e necessário e isso mostra ainda mais a genialidade e a resiliência de quem criou toda esta revolução cripto.

Se quisermos fazer uma analogia, (e agora vou dizer algo um pouco mais polêmico)... existe uma componente de religião na bitcoin.

Esta ideia de um “messias” que criou algo e nos deixou algo antes de ir embora. A ideia de que alguém nos deixa uma mensagem para cuidarmos e darmos seguimento. A ideia de que essa mensagem vai desafiar-nos a cuidar dela, e dar-lhe seguimento com as nossas próprias interpretações... é algo que já vimos acontecer em várias religiões.

Não é um mero acaso que a bitcoin seja orfã do seu grande criador. Ou do seu grande mensageiro.

Bitcoin não poderia cumprir o seu papel se tivesse um líder assumido. E as inúmeras razões para isso, estão elencadas no meu livro “Bitcoin” de forma mais detalhada.

É claro que também eu fiz o meu processo de investigação e reflexão sobre os possíveis “candidatos a Satoshi”. Mesmo não tendo os meios para investigar, apenas pude construir algumas pistas sobre quem pudesse ser e sobretudo quem não pudesse ser.

No entanto, com este meu fascínio pelo desconhecido, posso dizer que sonhei algumas vezes com o dia em que pudesse arrancar daqui com uma mochila às costas e um bloco de notas para ir atrás de “quem é Satoshi Nakamoto”. E é por isso um enorme prazer, ter o privilégio de poder hoje folhear este livro incrível sobre um tema que me diz tanto. Vê-lo com a chancela da minha editora acaba por tornar-me uma pequena parte deste processo.

Acredito que este livro é incontornável na biblioteca de qualquer fã de bitcoin e criptomoedas. Mas é mais do que isso. É também um “documentário em modo de *thriller*” que trata de um dos temas mais fascinantes da modernidade: a busca pelo homem que inventou uma moeda que desafiou todos os governos mundiais e todo o sistema bancário. Tudo para depois desaparecer sem demonstrar qualquer tipo de interesse em fama ou reconhecimento pela sua invenção.

Nas páginas deste livro, Benjamin Wallace vive uma aventura que eu próprio gostava de ter vivido. E se não pude vivê-la na primeira mão, pelo menos que eu possa ter o privilégio de vos proporcionar esta leitura.

É com orgulho que marco aqui o meu selo e vos deixo esta aventura nas mãos.

Eu abri este prefácio com a frase que disse no primeiro dia em que quis aprender algo sobre Bitcoin. Foi o dia em que apesar de não ter claro para mim como era possível alguém desafiar os governos, os bancos e todo o sistema financeiro enraizado há séculos... a verdade é que o estavam a fazer e ainda não tinha acabado. E os dias, os meses e os anos que se seguiram mudaram a minha vida para sempre. Aquele almoço onde procurávamos descobrir, com curiosidade, como esta “revolução silenciosa” estava a acontecer, foi o ponto de partida para uma aventura que mudou a minha vida radicalmente. Claro que tudo isto é uma junção de peças. A Bitcoin assenta-me como uma luva em todas as suas dimensões, e foi por isso que me agarrei a esta relação saudável e fascinante, que me levou a milhares de horas de estudo e a fazer o caminho que fiz nos 10 anos seguintes.

Este livro encontra aqui uma casa. A casa da curiosidade e da busca pelo conhecimento. A casa da literacia financeira e também da verdadeira liberdade financeira. A casa literária de quem compreende que a vida é um processo que funciona melhor quando procuramos mais conhecimento para lidar com desafios. A casa literária de curiosidade e onde os dogmas, podem ser questionados procurarmos informação suficiente e soubermos traçar um plano. Afinal de contas, tudo evolui. Até o dinheiro.

E esta é a história da busca incessante pelo homem que mudou o dinheiro para sempre. E que trouxe a possibilidade de mudar a Humanidade consigo.

Somos todos Satoshi.

António Vilaça Pacheco
Editor e Fundador da Editora Self
Autor do livro “Bitcoin”.

É Ele

Se Satoshi Nakamoto, o pseudônimo inventor da Bitcoin, fosse quem eu pensava que era, ele não iria admiti-lo. Provavelmente não falaria comigo. E vê-lo significaria sentar-me num avião durante vinte horas e conduzir mais oito. Mas eu precisava de tentar ter uma conversa com ele, e tinha de ser cara a cara.

Nakamoto tinha desaparecido na primavera de 2011. Soube da sua existência nesse verão, quando escrevi o primeiro artigo da *Wired* sobre Bitcoin, a moeda baseada na internet que funcionava fora do controlo de um governo ou de um banco. Doze anos depois, o criador da Bitcoin continuava desconhecido e a sua enorme fortuna continuava intacta. O seu anonimato e contenção eram um contraponto confuso à aclamação e à riqueza que seriam suas se ele saísse da sombra. A história moderna da ciência não tem precedentes de alguém que tenha concebido uma tecnologia revolucionária e a tenha trazido ao mundo sem receber os louros.

Os acólitos da Bitcoin, sem um ser humano de carne e osso para venerar, conferiram ao pseudônimo a auréola da lenda. Em 2022, era possível ver Kanye West, ao sair de um Cadillac Escalade, em Beverly Hills, com um boné de basebol de Satoshi Nakamoto. Em Budapeste, os adeptos tinham inaugurado a primeira estátua de Nakamoto, uma representação em bronze de uma figura espectral encapuzada. No arquipélago de Vanuatu, no Sul do Oceano Pacífico, promotores imobiliários venderam ações de um paraíso utópico chamado Ilha Satoshi. Um trio de libertários comprou um navio de cruzeiro desmantelado, batizou-o de MS Satoshi e recrutou colonos para a primeira sociedade soberana no mundo,

movida a Bitcoin. Vários colegas tecnólogos defenderam que Satoshi Nakamoto merecia ser distinguido com um Prémio Nobel.

Mas o enigma da identidade de Nakamoto teimava em não ter solução. Elon Musk e Peter Thiel, entre outros, especularam sobre o assunto. Os caçadores obcecados de Nakamoto esforçaram-se para descobrir novas pistas ou reorganizaram as existentes de uma forma mais convincente. Nessa altura, já tinham sido apontados mais de cem suspeitos diferentes.

A intriga transcendia a tecnologia. Num mundo em que a internet iluminava todos os cantos, havia muito poucas perguntas deste género que continuavam sem resposta. Ficámos a saber quem era a fonte secreta de Bob Woodward. Finalmente conhecemos a prova do Último Teorema de Fermat. Fomos informados de que Thomas Pynchon provavelmente comprava os seus *bagels* no Zabar's.

Quando comecei a escrever sobre Nakamoto, não podia prever que, mais de uma década depois, a sua identidade seria o último grande mistério. Teria sido ainda mais absurdo imaginar que o fantasma por detrás da primeira criptomoeda do mundo, e o esforço para o decifrar, trariam consigo processos judiciais, uma perseguição automóvel, uma recompensa, um fortuna de 75 mil milhões de dólares, tentativas de extorsão, ameaças de morte, uma equipa SWAT, um suicídio, um traficante de armas fugitivo, um falsificador em série, uma sociedade oculta de paranoicos conhecidos apenas por pseudónimos, um génio de grande coração preso por uma doença no seu próprio corpo, um *bunker* nuclear na Europa, cadáveres congelados no deserto do Arizona e um espião britânico fechado num saco de viagem.

As tentativas anteriores de desmascarar Nakamoto tinham falhado, e por vezes de forma espetacular. Até mesmo ao programa *60 Minutos*, com recursos incalculáveis e um banco profundo de jornalistas de investigação experientes, tinha levantado as mãos e declarado o desafio uma “missão impossível”. No entanto, agora, contra todas as probabilidades, eu acreditava que tinha conseguido.

Eu estava nervoso com o que isso poderia implicar. O mundo da Bitcoin era hostil a projetos como o meu. Mas essa não era a minha principal preocupação. Quando descobri a verdadeira identidade de Nakamoto, tive a certeza de que ele não era um suspeito comum. Era alguém que se esforçava muito para não ser encontrado. E o que aprendi sobre ele foi perturbador. Ele não era nada

parecido com o que as pessoas imaginavam de Satoshi Nakamoto. Ele descreveu-se repetidamente como perigoso. Tinha armas.

Antes de dar a volta ao mundo para o conhecer, precisava de ter a certeza de que sabia onde ele estava. Ele tinha pelo menos quatro propriedades em dois continentes. Inicialmente, pensei que ele estava escondido numa parte remota da Grande Ilha do Havai. Mais recentemente, comecei a acreditar que ele vivia na costa leste da Austrália, numa pequena comunidade de praia a norte de Brisbane. Comecei a ficar com a sensação de que teria de contratar investigadores privados para vigiar a propriedade e confirmar a presença dele.

Estava a meio de um ataque de nervos com tudo isto quando me encontrei com a minha irmã para jantar num restaurante mexicano em Manhattan e lhe contei o que tinha descoberto.

“É ele”, disse ela, com uma certeza que eu não sentia.

Ela bebeu calmamente a sua margarita enquanto eu fazia ruídos de dúvida.

“É ele”, repetiu ela.

Contei-lhe as minhas angústias, mas ela tinha mais experiência com este tipo de situação. Tinha sido produtora de notícias de televisão durante vinte anos. Numa altura em que trabalhava no programa *48 Hours*, esteve no local, no Montana, depois de o FBI ter invadido a propriedade do Unabomber e o ter prendido.

Ela sugeriu que levasse comigo profissionais de segurança. E que usasse um colete à prova de bala. E que avisasse previamente a polícia local.

“Obrigada”, murmurei.

Senti-me um pouco melhor. Já havia um plano. As pessoas da televisão faziam isto o tempo todo. Ela não estava preocupada. Eu também não precisava de estar.

Mais tarde nessa noite, ela enviou-me uma mensagem.

“Não consigo dormir, não sei bem porquê.”

Eram 4:09 da manhã.

“Dois pensamentos. Talvez o confronto num local público, se ele alguma vez sair de casa. Também pode valer a pena ter alguém a filmar o encontro (a uma distância segura) como prova.”

Uma verdadeira lenda

Dezoito meses antes, na véspera de Ano Novo de 2021, chegou-me um e-mail à caixa de entrada.

“Assunto: Nova informação sobre o Satoshi.”

Desde que escrevi o artigo da *Wired*, recebia periodicamente e-mails como este. A Bitcoin, e toda a indústria das criptomoe-das que dela nasceu, ainda era suficientemente jovem para que se tivesses comprado alguma em 2017, já seres considerado um “OG”; os jornalistas que tinham acompanhado a história desde os primeiros tempos eram vistos como veteranos e alvos naturais para qualquer pessoa com uma teoria sobre o Satoshi para vender. Havia sempre alguém a tentar impingir uma nova teoria.

Normalmente, prestava pouca atenção a estes e-mails. As notícias sobre Nakamoto reacendiam uma esperança fugaz de aprender algo novo e, inevitavelmente, revelavam-se pouco convincentes. Estava habituado à ideia de que o mistério iria perdurar.

Este e-mail em particular não inspirava grande confiança, até porque não estava assinado. Ainda assim, abri-o. Não havia texto, apenas uma ligação que levava a uma publicação de um blogue com o título “Sou o estagiário da SpaceX que especulou que Satoshi é o Elon Musk. Há mais para contar.” O autor, Sahil Gupta, tinha causado alguma agitação na internet, quatro anos antes, com outro texto onde defendia que Musk era “provavelmente” Nakamoto. Agora apresentava mais provas: um relato de uma interação que tivera com o chefe de gabinete de Musk, Sam Teller. Parecia frágil e ambíguo, e não respondi.

Dois dias depois, recebi outro e-mail sem assinatura, vindo do mesmo endereço. Este continha uma ligação para uma página

no GitHub, um site onde programadores de software partilham o seu trabalho, com uma análise detalhada do caso de Gupta sobre Musk ser Nakamoto. Talvez porque, nessa altura, Musk já fosse uma presença constante nas notícias, nas semanas seguintes acabei por me apanhar a refletir sobre a teoria de Gupta. Não sabia bem o que pensar dos seus argumentos, que iam desde o vago até ao altamente técnico. Finalmente, escrevi de volta a Gupta, que claramente tinha enviado os e-mails. Afinal de contas, ao procurar alguém para amplificar a sua teoria, ele escolheu-me.

“Obrigado por atender ao meu pedido”, começou Sahil. “Já enviei e-mails a centenas de jornalistas.”

Ele estava em casa, perto de San Jose, e estávamos numa chamada de vídeo. Usava uma t-shirt magenta, uns auscultadores prateados e a sombra de uma barba.

“É notável a caricatura negativa que fazem do Musk”, continuou Sahil, com uma energia ansiosa. “Acho que ele construiu um foguetão e uma empresa de automóveis por acaso”. Sahil descreveu então como descobriu a verdadeira identidade de Nakamoto.

Em 2015, quando Sahil era estudante universitário na Universidade de Yale, ficou impressionado com o que a SpaceX estava a fazer e conseguiu um estágio de verão a escrever software de gestão de inventário na fábrica de foguetões de Musk, em Hawthorne, Califórnia. “Foi uma experiência incrível”, recorda Sahil.

Musk estava no escritório talvez três dias por semana, e Sahil via-o de vez em quando nos corredores. Depois de uma “desmontagem rápida não programada”, termo usado pela empresa para designar a explosão de um dos seus foguetões, Sahil estava presente quando Musk fez um discurso sobre como a SpaceX iria melhorar a tecnologia e resolver o problema. “Foi muito inspirador”, disse Sahil.

Foi depois de terminar o seu estágio que estabeleceu a ligação com a Bitcoin. Sahil estava a formar-se em ciências informáticas e, para uma tese de final de curso, colaborou com dois outros estudantes para propor uma moeda digital do banco central chamada Fedcoin.

“E se os EUA pudessem melhorar o dólar, aproveitando os melhores aspetos da Bitcoin?”, explicou ele mais tarde. As referências

do artigo terminavam a agradecer “a Satoshi Nakamoto por ser uma verdadeira lenda.”

Enquanto pesquisava para a tese, Sahil mergulhou na literatura sobre criptomoedas, começando pelo *white paper* de nove páginas onde Nakamoto descreveu a Bitcoin pela primeira vez. Sahil só recentemente soube que a verdadeira identidade de Nakamoto era um famoso mistério. Ao ler os escritos do criador da Bitcoin, ficou impressionado com as semelhanças com a linguagem de Musk. Ambos falavam de raciocínios de “ordem de grandeza” e usavam a palavra “*bloody*”. Ambos argumentavam “a partir de primeiros princípios”. Nakamoto falava de dinheiro de uma forma conceitual, tal como Musk tinha feito quando era executivo do PayPal no início da década de 2000. Sahil ficou a saber que Musk, tal como Nakamoto, tinha um historial de programação em linguagem C++ e tinha conhecimentos de economia e criptografia. Nakamoto também tinha mostrado um certo altruísmo orientado por uma missão. “É o Musk,” disse-me Sahil. Ele começou a questionar: Será que o inventor da Bitcoin esteve sempre à nossa frente, escondido no brilho da sua própria celebridade?

Quando Sahil terminou a faculdade, decidiu que queria trabalhar diretamente para Musk, no escritório do CEO. Depois de enviar vários e-mails a Musk, conseguiu uma entrevista telefónica com Teller, o chefe de gabinete. Sahil contou a Teller sobre o seu percurso, mas Teller disse que ele não era o candidato ideal. Teller estava à procura de um assistente administrativo; Sahil seria mais bem-sucedido se criasse a sua própria empresa.

“Foi um bom conselho”, disse Sahil.

À medida que a conversa com Teller se aproximava do fim, Sahil arriscou:

“O Elon é o Satoshi?”

“O Teller não disse nada durante quinze segundos,” contou-me Sahil.

“Depois disse: ‘Bem, o que é que posso dizer?’”

“Essa foi outra grande pista,” disse Sahil. “É bastante claro o que se está a passar. Tipo, eu surpreendi-o. A resposta que obtive é bastante reveladora”.

Mais tarde, nesse ano, Sahil escreveu uma publicação no seu blogue intitulada “Elon Musk Provavelmente Inventou a Bitcoin”. Ele omitiu o que fora uma conversa privada com Teller,

mas descreveu as outras semelhanças que tinha encontrado. E argumentou que a comunidade Bitcoin, que tinha sido dividida por conflitos sobre como e se deveria popularizar a tecnologia, beneficiaria do regresso do seu fundador para a orientar.

Alguns blogues sobre criptomoedas divulgaram a teoria de Sahil, e a Bloomberg News cobriu-a. O próprio Musk *tweetou*: “Não é verdade. Um amigo enviou-me parte de uma [bitcoin]¹ há alguns anos, mas não sei onde está.”

Sahil acabou por trabalhar para Musk, tendo sido contratado em 2018 para ajudar a codificar o software da *cloud* da Tesla. Achou emocionante e fascinante a forma como Musk, desafiando as normas da indústria, colocou os engenheiros de software sob o mesmo teto que os trabalhadores da linha de produção. Isto aconteceu durante a fase de arranque do Model 3, e Sahil viu em primeira mão como Musk perseverou perante o ceticismo. Sahil disse-me que a sua defesa de “Elon é o Satoshi” não tinha sido um problema para o seu trabalho na Tesla. “Admiti a minha posição em relação ao assunto. Acho mesmo que o Elon é o Ben Franklin. Acho que o meu diretor me perguntou sobre isso uma vez.”

Com o tempo, Sahil saiu para fundar a sua própria empresa, dedicada à modelação virtual 3D para plataformas como a Shopify. Mas, à medida que os anos passaram, foi ligando mais pontos e a sua crença de que Musk era Nakamoto transformou-se numa convicção. Ele deparou-se com algo que Luke Nosek, um dos cofundadores da PayPal, dissera uma vez durante um painel em Davos: o objetivo original da empresa era desenvolver uma moeda livre dos bancos. Sahil recebeu uma dica de que Musk, tal como Nakamoto, tinha o hábito de usar dois espaços após um ponto final na sua escrita.

Um colega mencionou que Musk voava regularmente de e para o Aeroporto de Van Nuys, o que coincidia de forma inquietante com talvez a única falha de segurança que Nakamoto alguma vez comeu: no início da história da Bitcoin, um e-mail de Nakamoto para outro programador revelou inadvertidamente um endereço IP localizado no norte de Los Angeles. Sahil soube que os primeiros programadores da Bitcoin consideravam Satoshi “mandão”; Musk era, sem dúvida, assim. E qual era a imagem de marca de Musk, naqueles

¹ Bitcoin escreve-se com maiúscula quando se refere ao sistema e com minúscula quando se refere à moeda.

tempos antes do Twitter? Fazer coisas difíceis: tornar os carros elétricos fixos; aterrar um foguetão numa plataforma flutuante.

No final de 2021, Sahil decidiu que era o momento certo para fazer uma nova tentativa pública. Nakamoto era agora visto quase universalmente como um génio benevolente, e Sahil sentiu que uma janela rara se tinha aberto, permitindo que os *media* finalmente aceitassem que Nakamoto e Musk eram a mesma pessoa. A SpaceX tinha conseguido acoplar uma cápsula na Estação Espacial Internacional, e Musk tinha sido recentemente nomeado “Pessoa do Ano” pela *Time*. Ele até tinha *tweetado*, de forma brincalhona, sobre o Dogecoin, uma criptomoeda baseada em *memes*. Quando Sahil partilhou a sua nova publicação no blogue, aquele que deu origem ao seu e-mail para mim e para centenas de outros jornalistas, contou pela primeira vez a história da sua interação com o chefe de gabinete de Musk.

Agora, no ecrã do meu computador, Sahil dizia que tinha “99% de certeza” da sua teoria. Ele atribuía as dúvidas dos outros ao preconceito contra Musk. “Surpreende-me que as pessoas sejam céticas em relação às capacidades de Musk. Isso diz-me que há uma profunda rutura na sociedade em que as pessoas não são capazes de olhar para factos objetivos”.

Eu tinha algumas questões. Musk era uma pessoa extraordinariamente capaz, mas ele uma vez descreveu 2008 — o ano em que ficou endividado, se divorciou e viu o terceiro foguete *Falcon* falhar no lançamento — como o pior ano da sua vida. Nakamoto tinha lançado o *white paper* da Bitcoin em 2008. Será que Musk teria tido capacidade suficiente para criar a primeira criptomoeda viável do mundo e depois gerir pessoalmente o projeto de software durante quase dois anos, tudo enquanto tentava trazer à vida uma indústria de carros elétricos e uma empresa espacial privada de sucesso?

Sahil estava pronto com as respostas. Disse que tinha visto uma entrevista em que Musk recordava que, em 2007, passava apenas três dias por mês na Tesla. E não tinha Musk demonstrado uma capacidade prodigiosa para trabalhar em vários projetos não relacionados ao mesmo tempo? Ele já tinha o hábito de lançar ideias ousadas para novos produtos através de um *white paper*: em 2013, sem grande alarde, Musk publicou cinquenta e oito páginas *online* detalhando um novo tipo de sistema de transporte, ao qual chamou de *hyperloop*.

Ok, mas Musk tinha feito isso sob o seu próprio nome, e ele não era uma pessoa humilde, então por que negaria ser Nakamoto, se fosse realmente ele o criador da Bitcoin? Para Sahil, não se tratava de uma contradição; era mais uma prova da perspicácia de Musk. “Ao contrário de uma empresa que precisa de *marketing*, a Bitcoin era mais forte e podia crescer mais rapidamente, nos primeiros tempos, quando tinha a aura de um fundador anónimo.”

E por que razão é que Sahil achou importante partilhar o segredo de Musk com o mundo? “É uma história espantosa”, disse Sahil. Ele queria que Musk recebesse a glória que lhe era devida. O objetivo de Sahil era ajudar a gerar “pressão pública suficiente, para que Musk assumisse a autoria”.

Se Sahil estava certo ou não, não posso afirmar, mas consigo entender a sua fixação. A Bitcoin tinha recentemente atingido o valor recorde de quase 70.000 dólares por uma única moeda, e o valor de mercado de todas as bitcoins em circulação tinha ultrapassado o 1 bilião de dólares. El Salvador tinha reconhecido a bitcoin como uma moeda legal. Em 2011, o facto de ninguém saber quem era Nakamoto não parecia ser um grande problema. Mas como é que era possível que, mesmo agora, ninguém soubesse?

Seis meses depois, despedi-me para me dedicar a tempo inteiro a desvendar o mistério que me seduziu uma década antes.

Dinheiro Imaginário da Internet

“ Já ouviste falar de Bitcoin?” perguntou Jason Tanz.
Eu não tinha.

“Sabes o que é a *Silk Road*?”

Eu não sabia.

Jason era um dos editores da *Wired*. Era junho de 2011.

Ele mencionou uma história recente do Gawker sobre a *Silk Road*, o mercado da *dark web* onde a bitcoin, descrita como uma “moeda digital não rastreável”, era a moeda do reino.

Com menos de três anos de existência, a Bitcoin já tinha passado por três fases marcantes, desde um projeto de software utópico a um mercado improvável de 130 milhões de dólares por dia, terminando como uma rede obscura marcada por crimes, escândalos e um colapso no preço.

Mas com o movimento *Occupy Wall Street* a apenas alguns meses de acontecer, parecia oportuno. E o Jason explicou como a Bitcoin era verdadeiramente algo novo. As tentativas anteriores de criar dinheiro digital falharam porque a mesma característica que tornou a internet revolucionária — distribuição instantânea e sem fronteiras, sem autoridade central — também levou a algo chamado “problema do gasto duplo”. Se a internet fosse uma máquina de fotocópias e o dinheiro digital fosse apenas uma sequência de *bits*, o que impediria uma pessoa de fazer *copy-paste* da mesma moeda vezes sem conta? O arquiteto da Bitcoin, Satoshi Nakamoto, tinha resolvido este problema de forma engenhosa.

“Estás interessado?” perguntou Jason.

Eu era um ex-licenciado em Inglês, não sabia nada de informática e já aderi tarde às novas tecnologias.

Quando a internet começou a ganhar popularidade nos anos 90, eu fiquei perplexo: porque é que toda a gente tratava o que era apenas a mais recente de uma longa lista de invenções humanas como se fosse uma tecnologia revolucionária?

“É só uma geringonça”, dizia eu com desdém.

“Isso é impressionante”, comentei.

O *The Economist* tinha publicado uma explicação detalhada sobre o funcionamento da Bitcoin. Fred Wilson, um conhecido capitalista de risco, tinha-o comparado ao WikiLeaks e à Primavera Árabe, pelo seu potencial transformador. E a história era irresistível. A ideia de um sistema monetário paralelo e clandestino evocava o serviço postal clandestino do romance de Thomas Pynchon, *The Crying of Lot 49*. Os defensores mais fervorosos da Bitcoin eram um vívido mosaico *cyberpunk* de hackers, fanáticos pelo ouro, anarquistas e obcecados por Ayn Rand. E eu estava cativado pelo enigma de Satoshi Nakamoto.

A ideia de que, por mais pormenorizados que fossem os nossos mapas, continuavam a existir pontos em branco e inexplicados, era algo que me fascinava. Quando era criança, guardava, debaixo da minha mesa de cabeceira, um livro de grande formato, repleto de ilustrações fantásticas e fotos a preto e branco granuladas, que continha uma coletânea de mistérios não explicados, como o Monstro do Lago Ness e o Triângulo das Bermudas. Com o tempo, o meu interesse por estas lendas, com o seu toque de irrealidade, deu lugar a um fascínio por um certo tipo de figura pública que proliferava no final dos anos 70 e início dos anos 80, os fugitivos ou reclusos icónicos: membros do *Weather Underground* em fuga e Grupo *Baader-Meinhof* (Fação do Exército Vermelho), ou antigos membros do Terceiro Reich escondidos na selva do Paraguai. Patty Hearst, herdeira aristocrática convertida em assaltante de bancos de metralhadora em riste. Carlos, o Chacal, o terrorista errante. Escritores que fugiam dos holofotes, como Pynchon e J. D. Salinger. Estas figuras povoavam o nosso imaginário e deixavam a sua marca. Talvez por ser um leitor devoto de cada novo romance de Robert Ludlum, eu fosse particularmente impressionável. Mas, aos meus olhos, Satoshi Nakamoto, essa entidade escorregadia, talvez real, talvez inventada, fizera algo ainda mais ousado do que todos eles.

Comecei a contactar pessoas ligadas ao mundo da Bitcoin e a apanhar o metro desde Brooklyn, onde vivia, para ir a encontros. Alguns desses encontros tinham lugar numa sala modesta, no quinto andar de um edifício em Midtown Manhattan, onde funcionava uma pequena produtora de vídeos para a *web*, cujo dono era obcecado pela Bitcoin; outros aconteciam numa loja de Bubble Tea perto de Union Square.

Descobri que, há três anos, no Dia das Bruxas de 2008, Nakamoto tinha publicado um pequeno texto a apresentar “um sistema de dinheiro eletrónico *peer-to-peer*” numa lista de e-mails obscura e controlada sobre criptografia, informalmente conhecida como *Metzdowd*. Ele descreveu um novo tipo de dinheiro. Ele funcionaria numa rede de computadores de voluntários, na qual qualquer pessoa poderia entrar ou sair à vontade. Ele resolveria o problema da duplicação de gastos usando um registo público transparente, mantido coletivamente pela rede, em vez de depender da base de dados de débitos e créditos de um banco ou governo. Nakamoto incluiu uma ligação para uma descrição mais detalhada e formal que viria a ser conhecida como “o *white paper* da Bitcoin”, mas essa era a ideia principal.

O momento escolhido por Nakamoto para lançar uma moeda alternativa foi bastante oportuno. Nesta altura, muitos estavam irritados com os bancos: no mês anterior, o Lehman Brothers tinha pedido falência, a maior na história dos EUA, e o Sistema de Reserva Federal usou dinheiro dos contribuintes para resgatar a AIG, uma das maiores companhias de seguros do mundo. A descentralização, ou a ideia de não colocar todos os ovos na mesma cesta, parecia mais atraente do que nunca.

A escolha do fórum por Nakamoto para anunciar a Bitcoin também foi muito acertada. Libertários tecnicamente astutos – pessoas tanto competentes em ciência da computação quanto hostis à autoridade – estavam amplamente representados no *Metzdowd*, com o seu foco em criptografia. O facto de nenhum dos seus assinantes conhecer Nakamoto não era estranho para ninguém. O *Metzdowd* era frequentado por pessoas dedicadas à matemática do segredo. Estavam acostumadas a usar pseudónimos.

Alguns membros da lista, particularmente interessados na promessa do dinheiro digital, deram *feedback* a Nakamoto sobre o software que ele estava a desenvolver, e ele acolheu-o com

entusiasmo. “Obrigado por levantar esse ponto”, disse ele a uma pessoa. “Agradeço as suas perguntas”, disse ele a outra pessoa num e-mail privado, antes de acrescentar: “Na verdade, fiz tudo ao contrário. Tive de escrever todo o código antes de me convencer de que conseguiria resolver todos os problemas, e só depois escrevi o artigo.”

No início de janeiro de 2009, Nakamoto lançou uma versão alfa no *SourceForge*. Na altura, era um site popular para projetos de software *open source*, desenvolvidos de forma colaborativa e abertos à participação de qualquer programador interessado. No primeiro dia, segundo um dos primeiros utilizadores da Bitcoin, 127 pessoas descarregaram o software.

Muitos dos primeiros participantes eram programadores que acreditavam que o dinheiro já precisava, há muito, de uma atualização. As notas e moedas de papel desbotavam, enrugavam-se, rasgavam-se, deterioravam-se, sujavam-se e espalhavam germes. Existiam apenas em valores fixos, podiam ser falsificadas e eram difíceis de transportar em grandes quantidades. A Bitcoin era o dinheiro 2.0: resistente, impossível de falsificar e quase infinitamente divisível. Podia, finalmente, concretizar o sonho do comércio online com microtransações. Podia-se enviar qualquer quantia, para qualquer lugar, de forma instantânea.

Muitas pessoas naquela vaga inicial tinham sentimentos especialmente fortes em relação à sua autonomia pessoal. A Bitcoin, como uma moeda baseada em 0s e 1s numa nuvem mantida por indivíduos comuns e dispersos, estava imune à intervenção de poderes centrais. Ao contrário das barras de ouro, a bitcoin não podia ser apreendida. Ao contrário de uma conta bancária, não podia ser congelada. Ao contrário de uma moeda nacional, não podia ser desvalorizada à vontade de um banco central ou controlado por um ditador. Ao contrário de cartões de crédito e transferências bancárias, não impunha taxas de transação excessivas.

Os primeiros a adotar o sistema tendiam a ter uma mistura idiosincrática de motivos e crenças. Um exemplo tipicamente atípico foi Dustin Trammell, conhecido como *Druid online*. Dustin era um hacker de trinta anos que gostava de aprender participando; longe do computador, era um entusiasta de *cosplay*. Tinha-se aventurado

em moedas alternativas apoiadas em metal, como uma chamada *Liberty Dollar*, e doou os ciclos de processamento dos seus computadores ao *SETI@home*, uma experiência de longa duração da UC Berkeley na análise de *crowdsourcing* de dados de radiotelescópios como parte de uma busca por inteligência extraterrestre. Depois de aprender sobre Bitcoin, Dustin desviou metade desses computadores para executar o seu software, apenas porque o via como um projeto tecnológico interessante. Mais tarde, ele passou a interessar-se por ideias monetárias libertárias. Dustin trocou alguns e-mails com Nakamoto, informando o criador da Bitcoin de que “a moeda eletrônica e a criptografia são duas áreas pelas quais tenho grande interesse” e oferecendo-se para ajudar no projeto. “Definitivamente temos interesses comuns!”, respondeu Nakamoto. “Sabes, eu penso que havia muito mais pessoas interessadas nos anos 90, mas depois de mais de uma década de sistemas falhados baseados em Terceiros de Confiança (como o Digicash, etc.), eles passaram a ver isso como uma causa perdida. Espero que consigam perceber que esta é a primeira vez, até onde eu sei, em que estamos a tentar um sistema sem base em confiança.”

No centro da criação de Nakamoto estava algo chamado *blockchain*, um registo em constante crescimento de todas as transações (compra, venda, etc.) que ocorreram no sistema. Aproximadamente a cada dez minutos, o lote mais recente de registos de transações era agrupado num bloco, que era então encadeado ao bloco anterior, através de uma matemática sofisticada que tornava impraticável a qualquer pessoa voltar atrás e adulterar o conteúdo do bloco. Este registo, ou *ledger*, que nas finanças tradicionais seria mantido por uma instituição como um governo ou banco, na Bitcoin era mantido por uma rede de computadores de voluntários, cada um dos quais corria o software da Bitcoin, comunicava com os outros computadores da rede e armazenava cópias do *ledger* mais ou menos idênticas e em constante atualização. O preço de entrada nesta rede, para um computador, era tentar resolver um quebra-cabeças matemático gerado pelo sistema a cada dez minutos. Tal como os *websites* distinguem humanos de *bots*, pedindo aos utilizadores que identifiquem quantas pontes existem numa grelha de fotografias de paisagens, este requisito, chamado “prova de trabalho”, servia para dissuadir maus atores de tentarem assumir o controlo do sistema. Mas porque haveria alguém de

desperdiçar o poder do seu computador nesta atividade tão estranha? Nakamoto concebeu o sistema de forma inteligente, de modo que o primeiro computador a resolver cada *puzzle* recebesse uma recompensa de várias bitcoins. Com este simples gesto, conseguiu simultaneamente atrair participantes genuínos e afastar os que tinham más intenções, ao mesmo tempo que criava um mecanismo previsível para introduzir novas bitcoins na oferta monetária. Embora o principal objetivo da corrida para resolver os quebra-cabeças fosse garantir a integridade do sistema, esta passou a ser conhecida como “mineração” devido à recompensa em múltiplas bitcoins. (A enorme quantidade de energia consumida por centenas de milhares de computadores constantemente a trabalhar para resolver estes quebra-cabeças é também aquilo que dá à Bitcoin a sua má reputação entre os ambientalistas.)

Tudo isto podia soar esotérico para o comum dos mortais, mas uma moeda sem centro era algo que o mundo nunca tinha visto. A sua invenção foi um verdadeiro *tour de force* intelectual. Zooko Wilcox, cuja obsessão pela ideia de dinheiro descentralizado começou quando era um programador de 19 anos com inclinações políticas, a estudar na Universidade do Colorado, em Boulder, passara a década anterior ao aparecimento da Bitcoin quase sem pensar noutra coisa. “Era uma das minhas atividades preferidas antes de dormir, durante uns doze anos, ou lá o que foi, tentar resolver o problema”, disse-me ele. “O meu instinto em relação ao consenso de Nakamoto, e à forma como se integra com os mecanismos de incentivo, é que ninguém mais o teria descoberto. Teria levado outros cem anos.”

Quer extraísse bitcoins ou as comprasse a alguém que as tivesse extraído, havia um atrativo em entrar cedo. O software de Nakamoto incluía um limite sobre quantas bitcoins seriam criadas, 21 milhões, que o sistema deveria alcançar por volta do ano 2140. Em vez de estar sujeito a inflação ou hiperinflação, a Bitcoin era deflacionária: se a tecnologia se disseminasse, o utilizador detinha um ativo que se valorizaria. “Adoro a ideia”, escreveu Nakamoto numa publicação na rede social da P2P Foundation, “de comunidades virtuais, não geográficas, a experimentar novos paradigmas económicos.”

Eu achei a Bitcoin de uma complexidade surpreendente, como um portal para um mundo, ou uma visão de mundo, que eu não sabia que existia. Libertários alienados já viam o dinheiro do

dia-a-dia como mera moeda fiduciária — pronunciavam a palavra com itálico audível e desdenhoso —, valioso apenas por decreto do governo. Mas para o resto de nós, encontrar uma moeda que existia fora de um contexto familiar era como os peixes de David Foster Wallace que não sabem que estão na água — e depois serem puxados para fora dela, ofegantes, e, pela primeira vez, *ver*.

O que tornava a Bitcoin algo com valor? O dólar dos EUA era a moeda legal, apoiada por um dos governos mais estáveis do mundo. Podias usá-lo para pagar os teus impostos. Os comerciantes eram obrigados a aceitá-lo. Mas o que poderia dar valor a uma sequência de números e letras? Quando uma bolsa de Bitcoin chamada *New Liberty Standard* foi lançada em outubro de 2009, o preço de uma única bitcoin (BTC) era inferior a um décimo de centimo, com base no custo da eletricidade necessária para o extrair. Mas o preço da bitcoin ganhou vida própria. No início de 2011, a taxa de mercado ultrapassou 1 dólar e, quando o Jason me ligou, uma bitcoin custava mais de 17 dólares. Grande parte do valor, nesses primeiros dias, parecia vir de uma crença no potencial da bitcoin como uma espécie de ouro digital com um mercado mundial, e da especulação financeira pura.

Fui atraído pela efervescência de uma nova fronteira. “É fascinante lançar uma nova moeda do zero,” disse-me Jeff Garzik, programador de Bitcoin que vivia e trabalhava numa autocaravana Fleetwood Southwind de 1984, na Carolina do Norte. “É, provavelmente, a primeira moeda verdadeiramente global do mundo.” Em Brooklyn, conheci Mark Suppes, um inventor autodidata que estava a construir uma máquina de multibanco de bitcoin no seu *loft* em Bedford-Stuyvesant, a poucos metros do reator de fusão nuclear caseiro que também estava a montar. Um anarquista de barba e bandana, que publicava no YouTube como *The Real Plato*, estava a atravessar os Estados Unidos de carro, de Connecticut à Califórnia, ao estilo de Jack Kerouac, tentando financiar toda a viagem apenas com bitcoin. Entusiastas de moedas raras falavam de um futuro, a alguns anos de distância, em que as pessoas trocariam bitcoins invulgares — como os do chamado *Genesis Block*, o primeiro da cadeia — com o mesmo entusiasmo com que hoje se trocam moedas raras, como os famosos *Double Eagles* de 1933.

Mesmo enquanto me deixava contagiar pelo entusiasmo, certos aspetos escapavam-me. Conseguia perceber como esta nova

moeda podia ser atrativa num país como a Argentina, onde a hiperinflação e o controlo do câmbio eram uma realidade. O mesmo se aplicava ao México, às Filipinas ou a grande parte de África, onde mais de 60% da população não tinha conta bancária. Mas não compreendia o problema que os bitcoiners americanos tinham com as instituições financeiras tradicionais. O seguro dos depósitos funcionava razoavelmente bem. Os multibancos eram práticos. O que é que estas pessoas tinham contra os bancos?

Eu também tinha dificuldade em compreender os fundamentos técnicos da Bitcoin e como todas as partes do sistema interagiam entre si. Nos encontros, assentia com a cabeça enquanto as pessoas falavam de “funções *hash* unidirecionais” e “equilíbrios de *Nash*”, e depois passava horas em casa, até os olhos me doerem, a tentar perceber melhor esses conceitos. Achava que finalmente tinha compreendido tudo, mas a clareza recém-adquirida esfumava-se assim que tentava explicar a alguém o que tinha aprendido, uns dias depois. Senti-me um pouco menos ignorante quando Garzik, um dos principais programadores do projeto, me disse: “Bitcoin é *mesmo, mesmo* difícil de entender.”

A Bitcoin também era difícil de comprar, de armazenar, de usar e de manter. Era extremamente volátil: no mês em que o descobri, perdeu temporariamente mais de 99% do seu valor, caindo de 17 dólares para 0,01. As plataformas de troca online (conhecidos como “exchanges”), não regulamentadas e sem qualquer responsabilidade formal, revelavam-se frequentemente operações fugazes, com donos anónimos que aceitavam os depósitos dos clientes e, de um dia para o outro, simplesmente desapareciam com o dinheiro. Mesmo a Mt. Gox, a maior dessas plataformas, já tinha sido alvo de um roubo de 25.000 BTC, na altura avaliados em 500.000 dólares, por parte de hackers; foi isso que provocou a queda-relâmpago no preço da bitcoin.

A alternativa a armazenar bitcoin num *exchange* era fazer a chamada “autocustódia”, conservar a chave privada, normalmente uma sequência de cinquenta e um caracteres composta por números e letras, que era o equivalente criptográfico de uma palavra-passe, numa “carteira” de bitcoin, que na verdade era mais parecida com um porta-chaves. Podias escrever a tua chave num pedaço de papel, gravá-la numa placa de aço enterrada no quintal, armazená-la num computador virgem ou simplesmente

memorizá-la. Essa era a forma máxima de soberania pessoal. A ideia de poderes atravessar uma fronteira internacional com a chave apenas na memória e, com isso, levares contigo o teu dinheiro, era algo entusiasmante.

Não que alguém aconselhasse a fazê-lo, dado que um único dígito mal memorizado podia custar-te todos os ativos. A “auto-custódia”, um ideal que viria a ser consagrado no mantra dos entusiastas das criptomoedas, “*Not your keys, not your coins*” (“Se não tens as tuas chaves, não tens as tuas moedas”), trazia os seus próprios problemas. Stefan Thomas, um programador suíço, tinha armazenado as chaves para 7002 bitcoins em três locais diferentes: colocou a carteira principal numa “máquina virtual” isolada da internet, e fez cópias de segurança com o software *TrueCrypt* e também numa *IronKey*, um dispositivo de hardware seguro semelhante a uma pen. Mas, ao atualizar o sistema operativo, acabou por apagar acidentalmente a máquina virtual.

E, quando acedeu ao seu *TrueCrypt*, que estava armazenado na Dropbox, também tinha sido apagado; afinal, o ficheiro podia ser sobrescrito se mais do que dois dispositivos estivessem ligados em simultâneo. Quanto à *IronKey*, simplesmente tinha-se esquecido da palavra-passe. O valor das moedas perdidas, na altura, era de 140.000 dólares. “Passei uma semana a tentar recuperá-las”, contou-me Stefan, sem sucesso. “Foi bastante doloroso.”

No final de 2021, essas moedas valeriam 473 milhões de dólares. Mas Stefan não estava sozinho na sua desventura. A empresa de dados *Chainalysis* estimou que 20% de todas as bitcoins em circulação estarão perdidas para sempre.

Eu achei Gavin Andresen uma pessoa simpática e um bom guia inicial para este mundo esotérico. Com quase 41 anos, usava o cabelo castanho colado à testa e a etiqueta “Geek” literalmente no peito, como um *patch* numa camisa de manga curta e botões que trazia vestida. Era um pai suburbano, tranquilo, de dois filhos pequenos. Onde outra pessoa, minimizando suas próprias falhas de memória, diria: “A minha esposa pode contar-te tudo sobre o quão fraca é a minha memória,” e ficaria por aí, Gavin elaborava: “Já vi as pesquisas sobre como as nossas memórias são falíveis” e começava a detalhá-las. Ele andava de monociclo.

A Bitcoin apareceu na vida de Gavin num momento oportuno. Em 2009, a sua mulher, Michelle, professora de geologia na Universidade de Massachusetts, entrou em licença sabática, Gavin deixou um cargo bem remunerado a trabalhar em aprendizagem automática na universidade e a família mudou-se para a Austrália. Gavin passou os seis meses seguintes em Queensland a fazer malabarismos com cocos, a correr na praia, a fazer *snorkeling*, a ser mordido por moscas da areia, a salvar uma cobra marinha com bico, a beber cerveja XXXX e a reparar a barbicha que tinha usado nos últimos dezassete anos, entre outros passatempos. Planeava lançar uma startup quando a família regressasse aos Estados Unidos, mas em maio de 2010 ainda não tinha encontrado nenhuma ideia que o empolgasse.

Foi então que ele leu uma publicação de um blogue de tecnologia sobre alguns projetos de software *open source*, incluindo a Bitcoin. Gavin formou-se na Universidade de Princeton e trabalhou na *Silicon Graphics*. Ele fazia parte do corpo legislativo da sua pequena cidade em New England, demonstrava um forte interesse na política escolar local e ofereceu-se para ajudar no site da Liga das Mulheres Eleitoras de Amherst.

Mas a ideia de uma moeda não controlada por um grupo elitista na Reserva Federal atraiu-o. Ele gostava de liberdade individual, da sabedoria das multidões, de processos orgânicos e de base, em vez do controlo de cima para baixo. Acreditava na evolução em vez da revolução, “passos pequenos em direção a um mundo melhor.”

No entanto, a sua principal reação à Bitcoin, como me disse mais tarde, foi: “Como é que isto pode funcionar? Ficou intrigado com a forma como o sistema criava novas moedas e como evitava o gasto duplo. Pesquisou “Bitcoin” no Google e obteve apenas quatro páginas de resultados. Depois descarregou o código e começou a ler. Era evidente que o programador sabia o que estava a fazer. Gavin executou o software e extraiu algumas moedas. Ainda assim, “tive de pensar muito bem para me convencer de que não vejo falhas no esquema”. Na altura que falámos, ele estava “bastante confiante de que não há nenhuma falha fundamental”.

Um mês depois de ter conhecido a Bitcoin, Gavin criou a *Bitcoin Faucet*. Uma bitcoin custava meio cêntimo na altura, e Gavin gastou 50 dólares para comprar 10.000 e criar um site onde os oferecia gratuitamente. Qualquer pessoa podia resolver um CAPTCHA e

receber cinco bitcoins. A ideia era tornar esta experiência acessível a quem estava a começar. Gavin percebeu que a única maneira de uma moeda se tornar valiosa era se as pessoas a utilizassem.

A Bitcoin Faucet encaixava-se perfeitamente no charme quase artesanal do universo da Bitcoin nos seus primeiros tempos. Uma vez, Gavin almoçou com David Forster, um agricultor que vivia perto dele, em Massachusetts, e que vendia meias de alpaca em troca de bitcoins. Os entusiastas da Bitcoin ficaram arrebatados quando Laszlo Hanyecz, residente na Florida, pagou 10.000 bitcoins por duas pizzas grandes da Papa John's. Anos mais tarde, as pessoas continuariam a fazer as contas ao valor atual dessas pizzas — 690 milhões de dólares por pizza! “Não me arrependo”, disse-me Laszlo quando esses bitcoins valiam “apenas” 85.000 dólares. “As pizzas eram mesmo boas.”

Pouco tempo depois, Gavin já fazia e respondia a perguntas no fórum da Bitcoin e enviava partes do código a Nakamoto para corrigir as falhas inevitáveis em qualquer software novo. Sabia pouco sobre Nakamoto. Nunca se tinham encontrado pessoalmente nem falado ao telefone. A percepção que Gavin tinha do seu principal colega de trabalho baseava-se exclusivamente na correspondência escrita entre ambos. Em e-mails e mensagens privadas, Gavin via Nakamoto como alguém profissional, suscetível, autossuficiente e brilhante. Gavin preocupava-se com questões legais. O governo já tinha processado outros criadores de moedas alternativas. Poderia ser preso? Michele divertia-se a provocá-lo “dinheiro da internet a fingir”, mas depressa Gavin passou a dedicar-lhe todo o seu tempo.

Ele estava a trabalhar no projeto porque lhe despertava interesse, mas também admirava a forma como Nakamoto tinha moldado a Bitcoin à natureza humana. Assim que tinhas algumas bitcoins, querias ajudar o sistema, seja extraíndo bitcoins, usando-as, promovendo-as ou trabalhando no código, para que as tuas bitcoins valessem mais amanhã do que ontem. À medida que o preço subia, Gavin estava a ser recompensado materialmente em tempo real. O seu envolvimento era um “autointeresse consciente.” Gavin acreditava que a bitcoin poderia tornar-se uma moeda mundial importante e, com o tempo, possivelmente até substituir o dólar como a moeda de reserva global.

Embora a Bitcoin fosse um projeto de código aberto, uma iniciativa coletiva que teoricamente era imune a interesses

individuais, alguém precisava estar à frente e, durante os primeiros vinte meses, esse papel foi de Satoshi Nakamoto. Ele lançava o código, outros desenvolvedores sugeriam alterações, e ele integrava as que considerava adequadas.

Quatro meses depois de Gavin começar a contribuir, a sua dedicação, competência em ciência computacional e espírito comunitário pareciam ter conquistado a confiança de Nakamoto. Primeiro, Nakamoto deu-lhe acesso direto ao *source code*. Depois, por volta de setembro de 2010, disse-lhe que estava a ficar ocupado com outros projetos e que, nos meses seguintes, lhe entregaria o controlo tanto do repositório de código no *SourceForge* como da “chave de alerta” do projeto, que permitia difundir mensagens urgentes para todas as máquinas que executavam o software de Bitcoin. Num projeto de código aberto, estes eram os elementos mais próximos de um distintivo de liderança e, a partir desse momento, Gavin tornou-se efetivamente o principal programador do projeto, liderando uma equipa de outros cinco programadores voluntários.

Nos meses seguintes, Nakamoto continuou a intervir ocasionalmente em questões técnicas, mas a sua tendência para o isolamento chocava com a abertura de Gavin. Após a PayPal e a Visa congelarem as contas da WikiLeaks, um grupo de entusiastas defendeu que a Bitcoin podia ser útil à organização — e que a associação até poderia ajudar a promover a Bitcoin. “Que venham eles”, escreveu alguém num fórum chamado BitcoinTalk. Mas Nakamoto reagiu com desagrado. “Não”, respondeu. “Não digam ‘que venham eles’. O projeto precisa de crescer gradualmente para que o software possa ser reforçado ao longo do tempo. Faço este apelo à WikiLeaks para que não tente usar Bitcoin (...) O escrutínio que isso traria provavelmente destruir-nos-ia nesta fase.”

A ideia da WikiLeaks aceitar doações em bitcoin deu origem a um artigo na revista *PC Magazine*. Alguns bitcoiners acolheram com entusiasmo a atenção mediática, mas Nakamoto não. “Teria sido bom receber esta atenção em qualquer outro contexto”, escreveu. “A WikiLeaks deu um pontapé no ninho de vespas, e o enxame está a vir na nossa direção.”

Para os jornalistas que acompanhavam a Bitcoin, Gavin tornou-se na primeira pessoa a quem falavam. Tinha um modo de ser calmo e razoável, uma inclinação para a moderação política e tolerava trabalhar sob o seu nome verdadeiro, o que fazia dele o

embaixador da Bitcoin que Nakamoto nunca fora. Mas Nakamoto parecia cada vez mais desconfortável com as interações de Gavin com os meios de comunicação social. No final de abril de 2011, Nakamoto enviou-lhe um e-mail: “Gostava que deixasses de falar de mim como uma figura misteriosa e sombria, a imprensa transforma-o sempre numa narrativa de moeda pirata.”

Essa acabou por ser a última vez que Gavin teve notícias de Nakamoto. Quando falei com Gavin pela primeira vez, em julho, ele disse que não se comunicava com Nakamoto “há uns dois meses”. Depois de Gavin ter contado, de forma inocente, num e-mail a 26 de abril, que aceitara dar uma palestra sobre Bitcoin à CIA, curiosa com o tema, na sede da agência em Langley, Virgínia, Nakamoto nunca mais respondeu. Na mesma altura, ainda escreveu e-mails para pelo menos um outro programador que trabalhava no projeto.

Depois, silenciou-se.

Pónei Brilhante

“Então,” perguntei, “sabes quem é o Satoshi?”
Se alguém soubesse, seria o Gavin.

“Não sei o seu nome verdadeiro,” respondeu Gavin. “Espero que um dia decida deixar de ser anónimo e que eu o possa conhecer, mas não conto com isso.”

Gavin e os outros programadores concordavam em alguns pontos. O segundo local onde Nakamoto anunciou o seu *white paper* foi o site da P2P Foundation, uma organização sem fins lucrativos idealista, dedicada a redes *peer-to-peer* de todos os tipos. No seu perfil no site, Nakamoto indicava que residia no Japão. Mas ninguém acreditava verdadeiramente que ele fosse japonês. O seu inglês era impecável, com a fluidez confiante de um falante nativo. Soava britânico, ou pelo menos oriundo de um país da Commonwealth. O *Genesis Block* tinha embutida uma manchete do *London Times*, e tanto no *source code* da Bitcoin como nas suas mensagens no fórum BitcoinTalk, Nakamoto utilizava grafias britânicas como *colour* e *optimise*. A manchete do *Times* sugeria a motivação de Nakamoto: “Ministro das Finanças à beira de segundo resgate aos bancos”.

Também era notável o quão cuidadosamente Nakamoto protegia a sua identidade. Ao registar o domínio *bitcoin.org*, fê-lo através de um serviço de anonimato chamado *anonymousspeech.com*, que, por sua vez, tinha sido registado a partir de uma empresa de alojamento temporário em Tóquio.

Esse serviço deu-lhe um endereço de e-mail em *vistomail.com*, que oferecia a opção de manipular a data e a hora em que um e-mail era enviado. Um terceiro endereço de e-mail utilizado por